

Ipea

Pesquisa mostra o impacto das desigualdades sociais no mercado de trabalho

Página A21



TRABALHO

Mercado reforça desigualdade

Classes pobres têm mais dificuldade para sair da situação de desemprego

Raphael Zarko

O estudo "A Desigualdade no Desemprego no Brasil Metropolitano", divulgado ontem pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), mostra que, se por um lado, a taxa de pobreza — pobres nesta definição são aqueles cuja renda per capita domiciliar (baseada na PME/IBGE) não ultrapassa metade do valor do salário mínimo — diminuiu sensivelmente (menos 28% desde março de 2002 nas seis regiões metropolitanas do país), por outro, os pobres continuam com dificuldades de conseguir emprego.

A pesquisa aponta que a taxa de desemprego entre os trabalhadores pobres cresceu 10% entre julho de 2002 ao mesmo mês desse ano: de 21% para 23,1%; enquanto para os não pobres houve queda de 34,3%.

Para o presidente do Ipea, Márcio Pochmann, os dados reforçam a noção de desigualdade que ainda há no país.

— É 5,2 vezes maior a taxa de desemprego dos pobres para os não pobres — compara Pochmann. — Além disso, os 20% mais pobres representavam cerca de 25% do total de desempregados em março de 2002, agora, em julho, são mais de 40% — diz Pochmann, que reconhece no estudo a queda substancial da pobreza.

Para Marcelo Neri, economista

da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o aumento de 43,5% dos pobres desempregados nos sete primeiros meses de 2002 em relação ao mesmo período deste ano fica neutralizado com a proporção de pobres que diminuiu 38,4%.

— A notícia boa (de redução da pobreza) anula a má (de aumento de desempregados pobres). Até porque o pobre não se dá ao luxo de não trabalhar. Ele arranja um "bico".

Com o estudo, é possível traçar um perfil da pessoa desempregada: é mulher, de 21 a 40 anos, pobre, acima de 11 anos de escolaridade.

Desocupação entre menos favorecidos é 5,2 vezes maior do que entre outros segmentos

— O estudo se mostra necessário, mas insuficiente para garantir emprego. Há barreiras, preconceito contra pobres, para mulheres ganharem menos que homens também — diz o presidente do Ipea.

Ainda segundo a pesquisa, 80% da composição dos desempregados têm até 40 anos de idade. Porém a maior fatia desses ficam entre 21 a 40 anos: 59,9% dessa faixa etária, com 23% até 20 anos.

Muitos desafios

 SOCIEDADE ABERTA

Clemente Ganz Lúcio
Patrícia Lino Costa

Cerca de metade dos jovens de 16 a 24 anos está em situação de desemprego. E quanto mais focamos a lente, mais percebemos que o problema da inserção da juventude no mercado de trabalho tem cor, sexo e, principalmente, depende da renda familiar, como mostram os dados revelados agora pelo Ipea.

Os jovens negros tendem a procurar trabalho mais cedo e encontram maior dificuldade — que se expressa nas taxas de desemprego. Quando ocupados, têm dificuldade de conciliar estudo e trabalho. Percebe-se que homens e mulheres jovens buscam uma colocação na mesma proporção. Porém, para as moças, o desemprego é bem maior em todas as regiões do Brasil. Quando conseguem trabalhar, além da dificuldade de obter colocação formalizada e dos baixos rendimentos, são submetidos a jornadas extensas.

A forma como o jovem entra no mercado de trabalho e sua relação com a escola são bastante distintas, a

dependem da renda familiar. O perfil do jovem ocupado proveniente de família que se encontra entre as 25% mais pobres é diferente daquele que pertence a famílias que estão entre as 25% mais ricas. É muito difícil para o jovem de família de baixa renda conciliar estudo e trabalho: mais de 70% deles já não estudam.

Os jovens de 16 a 24 anos, premidos pela necessidade de compor a renda da família, são empurrados cada vez mais cedo para o mercado de trabalho. Aqueles jovens que têm menos escolaridade — e que pertencem a famílias com renda menor — terão menos chances de conseguir um emprego melhor. Por sua vez, os de famílias mais pobres não terão como dar a seus filhos oportunidade de poderem, mais tarde, dedicar mais tempo ao estudo, perpetuando a extrema desigualdade social e econômica.

A trajetória individual dos jovens não pode depender de iniciativas e recursos pessoais e familiares. É de extrema importância a adoção de um conjunto de políticas públicas.

Sociólogo e diretor técnico do Dieese; economista e assessora da direção técnica do Dieese.